

REVISTA



ECOS

**LITERATURAS E LINGUÍSTICAS**

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
- Editora Unemat -

**EPLIT**  
Centro de Pesquisa  
em Literatura

**CEPEL**  
Centro de Estudos e Pesquisas em Letras

Programa de  
Pós-Graduação  
em Estudos Literários  
**PPGEL**

Editores/Organizadores

Agnaldo Rodrigues da Silva  
Taisir Mahmudo Karim

Projeto Gráfico

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2016 / Unemat Editora

Ficha Catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Bibliotecas  
UNEMAT - Cáceres

ISSN: 2316-3933 (*Online*)

Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas.

Editores/Organizadores: Agnaldo Rodrigues da Silva / Taisir Mahmudo Karim (Revista do Centro de Pesquisa em Literatura e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários). Cáceres-MT: Unemat Editora, 2016.

387 p.

1. Literatura 2. Linguística

Semestral (Ref.: Jan 2016 - Jun 2016). Vol. 20, ano 13, n. 1 (2016)

CDU: 81

### Índices para catálogo sistemático

1. Literatura - 82

2. Linguística - 81



REVISTA ECOS - Grupo de pesquisa em estudos da Arte e da Literatura comparada - Centro de Pesquisa em Literatura / Programa de Pós-graduação em Estudos Literários  
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada - Cáceres MT - Brasil - 78200000  
Tel: 65 3221-0023 - revistaecos.unemat@gmail.com



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada - Cáceres - MT - Brasil - 78200000

Fone/Fax 65 3221-0023 - www.unemat.br - editora@unemat.br

**Vol. 20, Ano 13, nº 1 (2016)**

**ISSN: 2316-3933 (*online*)**

# **REVISTA ECOS**

Literatura e Linguística

Indexações:

Sumários de Revistas Brasileiras ([sumarios.org](http://sumarios.org))

Diadorim

Latindex

## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**

Reitora	Ana Maria Di Renzo
Vice-Reitor	Ariel Lopes Torres
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação	Vera Lúcia da Rocha Maquêa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação	Rodrigo Bruno Zanin
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura	Alexandre Gonçalves Porto
Pró-Reitoria de Gestão Financeira	Ezequiel Nunes Pacheco
Pró-Reitor de Planejamento e Tecnologia da Informação	Francisco Lledo dos Santos
Pró-Reitoria de Administração	Valter Gustavo Danzer
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis	Anderson Marques do Amaral

### **CENTRO DE PESQUISA EM LITERATURA** Agnaldo Rodrigues da Silva

#### **CONSELHO EDITORIAL/REVISTA ECOS**

Agnaldo Rodrigues da Silva - UNEMAT (Presidente)  
Elza Assumpção Miné - USP  
Inocência Mata – Universidade de Lisboa/Portugal  
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique  
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida – USP  
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP  
Maria Fernanda Antunes de Abreu – Universidade Nova de Lisboa/Portugal  
Mônica Graciela Zoppi Fontana - UNICAMP  
Roberto Leiser Baronas - UFSCar  
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT  
Tânia Celestino de Macedo – USP  
Valdir Heitor Barzotto – USP

#### **CONSELHO TEMÁTICO CONSULTIVO**

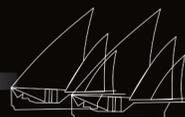
Agnaldo José Gonçalves – UNESP  
Águeda Aparecida Cruz Borges - UFMT  
Ana Antônia de A. Peterson - UFMT  
Ana Maria Di Renzo –UNEMAT  
Benjamin Abdala Junior –USP  
Célia Maria Domingues da Rocha Reis - UFMT  
Eduardo Guimarães - UNICAMP  
Elizete Dall'Comune Hunhoff - UNEMAT  
Elza Assumpção Miné - USP  
Isaac Newton Almeida Ramos - UNEMAT  
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique  
José Carlos Paes de Almeida Filho - UNICAMP  
Liliane Batista Barros - UFPA  
Luiz Francisco Dias - UFMG  
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP  
Mário César Leite - UFMT  
Mônica Graciela Zoppi Fontana – UNICAMP  
Nelly Novaes Coelho - USP  
Rita de Cássia Natal Chaves - USP  
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT  
Tânia Celestino de Macedo – USP  
Valdir Heitor Barzotto – USP  
Vera Lúcia da Rocha Maquêa - UNEMAT  
Yasmin Jamil Nadaf - Academia Mato-Grossense de Letras  
Walnice de Matos Vilalva – UNEMAT

REVISTA



ECOS

**TEXTOS EM PORTUGUÊS**



ENTRE ECOS E OCOS VIVER É MUITO PERIGOSO  
 BETWEEN ECHOES AND HOLLOW LIVE IS VERY  
 DANGEROUS

Aristelson Gomes dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho propõe fazer um estudo comparatista com duas obras: *Grande sertão: veredas* (2001) e *Madona dos Páramos* (2008), do sistema literário brasileiro, cujos escritores são: João Guimarães Rosa, da primeira, e Ricardo Guilherme Dicke, da segunda obra. O objetivo é mostrar as divergências e convergências que ambas as obras tem ao tocarem nas questões do homem no aprendizado da vida. Assim, os elementos a serem analisados estão na relação estabelecida entre personagens e o espaço, que são figuras centrais dessa análise. Desse modo, averiguaremos como os escritores manipulam esses elementos, a fim de mostrar sua importância na construção de significados. Portanto, o que se busca é compreender a força de significação da relação entre o homem e o seu espaço, através da linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** João Guimarães Rosa; Ricardo Guilherme Dicke; *Grande sertão: veredas*; *Madona dos Páramos*; personagem e espaço.

**ABSTRACT:** This paper proposes to make a comparative study of two works: *Great backlands* (2001) and *Madonna of the Badlands* (2008), the Brazilian literary system, whose writers are: João Guimarães Rosa, the first, and Ricardo Guilherme Dicke, the second work. The goal is to show the differences and that both works have to touch the man's questions in the learning of life. Thus, the elements to be analyzed are the established relationship between characters and space, which are central figures in this analysis. Thus, we'll investigate how writers manipulate these elements in order to show its importance in the construction of meanings. So, what is sought is to understand the meaning of strength of the relationship between man and his space through language.

**KEYWORDS:** João Guimarães Rosa; Ricardo Guilherme Dicke; *Grande sertão: veredas*; *Madona dos Páramos*; character and space.

1 Aristelson Gomes dos Santos é discente da Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus universitário de Tangará da Serra – MT/ Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: aristelson\_tel@hotmail.com

A proposta deste trabalho é fazer um estudo comparatista entre duas obras de um mesmo sistema literário, o brasileiro, a fim de estabelecer as divergências e convergências entre ambas. Assim, as obras que farão parte do escopo desta análise são: *Grande sertão: veredas* (2001), do escritor João Guimarães Rosa (1908 – 1967), e *Madona dos Páramos* (2008), de Ricardo Guilherme Dicke (1936 – 2008). Ambas as obras localizam-se em um período literário que corresponde à terceira fase do Modernismo no Brasil, em que alguns críticos literários consideram como pós-modernas, ideia da qual comungamos. Esses romances também marcam um momento muito importante na história da literatura brasileira, pois inauguram uma nova forma de abordagem sobre temas que desde o Naturalismo e Romantismo já vinham sendo discutidos, numa busca para definir uma identidade para literatura Latino-americana, mas sem aquele *boom* para que isso acontecesse. Desse modo, o primeiro romance que marca essa ruptura é *Grande sertão: veredas*, pois inovou a linguagem, dando uma nova roupagem para temas que pareciam estar gastos, mas que ainda tinham grandes contribuições para nossa literatura. Partindo desse pressuposto, o que elegemos como base para análise é a configuração dos personagens, bem como do espaço, elementos de grande importância em ambos os romances.

*Grande sertão: veredas*, único romance de Guimarães Rosa, publicado em 1956, marca um dos grandes momentos da literatura brasileira, ao trazer como tema central o labor de homens (jagunços) em confronto dentro e com o sertão. É uma obra que marca a terceira fase do Modernismo no Brasil que iniciou em 1945; porém, este romance surge em um momento em que as inquietações dos jovens escritores da época já não estavam satisfeitas com a forma de abordagem que a nossa literatura vinha desenvolvendo. Para eles, havia uma necessidade de mudanças que chegaram com *Grande sertão: veredas*. Uma das inovações que este romance trouxe foi um trabalho refinado que Rosa fez com a linguagem, de modo que o homem passou a ser significativo na literatura, aspecto que em outros períodos ele era tratado como um subalterno, em que a natureza era quem sobrepunha nas narrativas. Guimarães Rosa soube fazer uma dosagem, quando traz novamente o sertão para ser palco das discussões, porém não é essa natureza que sobressai, pois há um equilíbrio entre o espaço e o homem que faz parte desse lugar. Ambos se complementam, tornando-se uma entidade significativa, em que homem e natureza estão imbricados para revelar suas complexidades.

*Grande sertão: veredas* é um romance que é narrado pelo personagem protagonista Riobaldo, rememorando os fatos que aconteceram em sua vida quando entrou para um bando de jagunços. O narrador conta a história, lembrando o seu passado desde a infância, bem como das peripécias que o protagonista passou para se tornar chefe/líder do bando de jagunçagens, até os fatos de sua velhice. O espaço que Rosa elege para comportar seus personagens é o sertão entre Minas Gerais, Bahia e Goiás, porém esse espaço geograficamente delimitado rompe com tais barreiras para tocar em questões mais complexas das relações do homem com o meio no aprendizado da vida. Assim, o sertão, como já salientamos anteriormente, deixa de ser esse lugar exuberante, de exaltação da natureza, que desde os naturalistas era visto como a maior beleza e riqueza literária a ser escrita, e passa a ser um espaço que se funde com a experiência e vivência do homem, que agora passa a compor o quadro das narrativas literárias. Guimarães Rosa extrai desse ambiente as preciosidades que este lugar tem para oferecer ao homem que faz parte dele, e o que este outro tem de experiências quando em contato com o sertão. Através da linguagem, o escritor consegue manipular essas relações e trazer para dentro de sua obra literária algo até então inovador. Em conformidade com essa ideia Bosi (1997, p. 485), descreve:

Após a sua leitura, começou-se a entender de novo uma antiga verdade: que os conteúdos sociais e psicológicos só entram a fazer parte da obra quando veiculadas por um código de arte que lhes potencia a carga musical e semântica. E, em consonância como todo o pensamento de hoje, que é um pensar a natureza e as funções da linguagem, começou-se a ver que a grande novidade do romance vinha de um modo profundo de enfrentar a palavra.

Na esteira da temática da linguagem, Ricardo Guilherme Dicke, em 1982, publicou *Madona dos Páramos*, seu terceiro romance, no qual elege o sertão mato-grossense para construir seus homens narrativos na frenética busca pela Figueira-Mãe, um suposto paraíso que todos almejavam, porém, sem ter uma certeza da localização exata do lugar de refúgio. A narrativa é composta por doze personagens, dentre elas, uma é o diferencial: a enigmática Moça sem nome; uma personagem emblemática na trama, pois é nela que se concentra o destino e as frustrações dos demais “companheiros” da narrativa. A trama está envolta na fuga que os homens fazem da cadeia pública de Cuiabá, e saem sertão afora numa busca desenfreada pelo paraíso eterno. A partir de então, esses homens narrativos

entram numa luta dentro desse sertão, como o intuito de alcançar a Figueira-Mãe que, supostamente estaria localizada entre as serras dos Martírios<sup>2</sup>. Ao eleger o sertão mato-grossense, Ricardo Dicke também rompe com as barreiras regionais para falar de problemas inerentemente ligados ao homem no aprendizado da vida. O sertão no romance é um espaço que suscita as mais diversas sensações, levando-os a enfrentarem situações e condições extremas da vida. Este é o ponto em que o escritor toca na mais profunda interioridade dos seres para revelar o que há de mais humano neles.

As duas obras elegem o *sertão* como o espaço em que seus personagens irão transitar ao longo das narrativas; no entanto, devemos salientar que, por mais que este espaço seja um dos motes de discussão nos romances, é tratado em sua particularidade por cada escritor. Podem-se até surgir especulações sobre a obra *Madona dos Páramos* ter grande similaridade com o romance de Rosa, porém não concordamos com tais especulações, pois entendemos que cada escritor trabalha o seu *sertão* com especificidades diferentes. Essa é uma questão que iremos debater ao longo dessa análise procurando mostrar as especificidades de cada escritor ao pintar um quadro em que o sertão faz parte da paisagem.

Ambas as narrativas tratam de um momento de travessia empreendida pelos personagens, uns fogem da cadeia em busca de um paraíso, enquanto outros fazem o retorno para rememorar a vida de jagunço em busca de uma vingança e igualdade entre o povo. Só no modo de contar a travessia pelo sertão, já empreendemos algo que difere e aproxima as obras, porém, elas contêm outros elementos que podemos usar neste trabalho comparatista. Em *Madona dos Páramos*, a ação parece acontecer em um tempo presente, algo que se aproxima mais do leitor, e o faz mergulhar nos meandros da história como se estivesse acontecendo perto de si. Já em *Grande sertão: veredas*, o leitor acompanha a história mais como um expectador, ou seja, o sertão para ele está mais distante de sua realidade, porém, o encantamento pela história não perde a essência. São pontos de vista diferentes que os escritores lançam sobre o *sertão*. Um parece ser de aproximação e o outro se apresenta como uma amostragem de um tempo mais longínquo e modo de como se vivia naquele espaço.

Nessa demonstração que fizemos, sobre o modo de narrar os fatos em cada romance, há indícios de diferenciação entre as duas obras.

---

2 As Minas dos Martírios constituíram o imaginário dos viajantes por terras interiores do Brasil, desde o século XIX. Em busca de um lugar nunca encontrado, muitos desapareceram, gerando mitos e impulsionando outras viagens.

Em *Grande sertão: veredas* temos um narrador, Riobaldo, o protagonista da narrativa, que conta a sua própria história, rememorando os acontecimentos do passado e reproduzindo-os para seu compadre Quelemém. Este, por sua vez, faz o papel do leitor, pois em nenhum momento da narrativa encontramos sua opinião sendo emitida. Desse modo, todos os fatos narrativos são contados apenas de um ponto de vista, que é a de Riobaldo. Por outro lado, no romance *Madona dos Páramos*, temos *narradores* que se confundem com as personagens; ora temos um narrador que conta os fatos de um determinado lugar, ora temos os fatos sendo narrados pelas próprias personagens. Neste romance, há um esfacelar do narrador, que confunde o leitor ao ser pego de surpresa em algumas trocas de vozes entre narrador e personagens. Além disso, a narração muda abruptamente de acontecimentos legítimos de dentro da história, para um plano que é o fluxo da consciência das personagens, deixando um pouco confusa a narrativa. Para um olhar atento, essa *complicação* não interfere no entendimento da história, pois é um modo particular de Ricardo Guilherme Dicke expor a confusão psíquica que é a do próprio homem, tentando organizar e contar a sua história. Aqui encontramos algo que difere as obras. O modo de narrar os acontecimentos tem uma configuração particular em cada narrativa. Se em uma temos um narrador definido em primeira pessoa, que tem o controle sobre tudo e, um interlocutor que ouve suas histórias, na outra temos um narrador indefinido que apenas conta uma história e o leitor se torna participante por ser cativado pelas amarras próprias da trama.

Para narrar alguma coisa pressupõe-se um domínio da linguagem, e é nesse ponto que Guimarães Rosa se preocupou em elaborar algo que conseguisse atingir a mais bela criação. Nesse sentido, Eduardo F. Coutinho explica:

Rosa definiu como uma de suas principais metas a tarefa de revitalizar a linguagem com o fim de fazê-la recobrar sua *poiesis* originária e atingir o leitor, induzindo-o à reflexão. Desse modo, mergulhou de corpo e alma nos meandros da linguagem, violando constantemente a norma e substituindo o lugar-comum pelo único, ou melhor, abandonando as formas cristalizadas e dedicando-se à busca do inexplorado, do metal que, como ele próprio afirma, se esconde “sob montanhas de cinza” (COUTINHO, 2013, p. 22, grifos do autor).

Na revitalização da linguagem, portanto, está uma das grandes mudanças ocorridas na literatura brasileira a partir de Rosa, não obstante

Dicke, anos mais tarde dar continuidade a esse trabalho em suas obras, explorando através da linguagem, a essência do homem moderno. Através do trabalho com a linguagem é que o homem e suas experiências passaram a fazer parte do mote de discussão da literatura. O sertão deixou de ser *pictórico*, como define Antonio Candido (2011), no artigo *Literatura e subdesenvolvimento*, e passa a ser uma força de representação muito maior que antes. O trabalho realizado por meio da linguagem conseguiu extrair um sentido de sertão e fundi-lo às experiências do homem que está em contato com ele diuturnamente. Por isso, o *mergulho nos meandros da linguagem* que vai subverter e *violar as normas*, a fim de mostrar o que há de mais precioso e genuíno desse homem e desse espaço singulares.

A busca revitalizadora da linguagem para recobrar a *poiesis* é o ponto chave para que o sertão assuma novas formas e espaços de significação. Se em outros momentos a natureza/sertão era vista como algo grandioso, que dava credibilidade e tema para que a literatura expressasse as grandezas de uma nação, como descreve Antonio Candido:

A ideia de *pátria* se vincula estreitamente à de *natureza* e em parte extraída dela a sua justificativa. Ambas conduziam a uma literatura que compensava o atraso material e a debilidade das instituições por meio da supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão de otimismo social (CANDIDO, 2011, p. 170 grifos do autor).

Agora, esse espaço toma outras dimensões, atingindo a máxima força poética que Rosa buscava em sua escrita. Na esteira desse pensamento Coutinho explica:

O homem não é mais retratado apenas em seus aspectos típicos ou específicos, mas antes apresentado como um ser múltiplo e contraditório e em tantas de suas facetas quanto possível. Do mesmo modo, o sertão, a paisagem que dá forma as suas narrativas, não é apenas a recriação de uma área geográfica específica, tanto em seus aspectos físicos quanto socioculturais, mas também, e principalmente, a representação de uma **região humana**, existencial, viva e presente na mente de seus personagens (COUTINHO, 2013, p. 26 – 27, grifo meu).

Essa humanidade existencial expressa pelos personagens se apresenta em *Madona dos Páramos*. A ideia de que o sertão não é só um dado geográfico e, sim a própria existência do ser humano vivendo em um mundo em que, são as perguntas e não as respostas que os movem. Assim, o sertão passa a ter uma dupla função. Em primeiro plano, é o espaço que

faz transitar os personagens e, num segundo momento é uma representação da vida interiorizada dos seres ficcionais. Este segundo momento é o que aparece com mais força de criação, pois está ligado diretamente à vida de seres que se confunde com a desilusão, a inospitalidade, os horizontes turvos e a vastidão que é o sertão representado em ambas as obras. É este espaço que Ricardo Dicke prepara para lançar seus personagens numa busca que, aparentemente, seria simplória, porém essa travessia vai muito além de encontrar a Figueira-Mãe, trata-se de uma busca pessoal de cada ser, tentando entender a vida. Em conformidade com essa ideia, Madalena Machado explica:

O que demonstra que a busca, no caso específico da Figueira-Mãe, é somente subterfúgio para as respostas que não vem, prevalecendo, assim, uma visão do mundo em constante mutação. O que sublinhamos como angústia original em destaque nestes personagens: há a chance de se questionar sentidos múltiplos, mas nem todos o fazem (MACHADO, 2014, p.43).

O mesmo desejo e subterfúgios em busca de respostas para as contradições da vida, podem ser encontrados em *Grande sertão: veredas*. O que Riobaldo mais deseja, ao contar sua história, é encontrar respostas para aquilo que ainda não estava resolvido em sua mente e, também, uma forma de buscar justificativa para tudo aquilo que viveu enquanto jagunço. A dicotomia que se estabelece entre personagens e espaço é uma das molas propulsora das obras, demarcando a importância na história literária.

A fundição entre espaço e personagem foi o que encabeçou grandes discussões que levaram muitos estudiosos a pensar a relação entre o Regional x Universal. Então, o que se caracterizava como um elemento apenas regional alçou vôos mais altos, atingindo temas da universalidade, o que só ocorreu quando esta terra/sertão passou a ser vista e compreendida como uma grande amálgama de culturas. É o que nos explica Eduardo Coutinho (2013, p. 32), quando diz que “a obra de Guimarães Rosa é uma obra plural, híbrida, indagadora, marcada pela ambiguidade e pelo signo da busca, que se ergue como uma constelação de elementos muitas vezes opostos e contraditórios”.

Se há um termo central que une as duas obras, podemos destacar que é uma *busca* empreendida pelos personagens, na tentativa de encontrar respostas para suas inquietações. Isso é o que vivencia Riobaldo, tentando explicar para seu interlocutor e para si mesmo, suas ações enquanto

jagunço, e o mesmo acontece com os doze personagens do romance de Ricardo Dicke, lançados na mata fechada, tentando se localizar no labirinto desse espaço, que concomitantemente, se tornou o labirinto interior de suas vidas pregressas. O *sertão* também é uma conduta recorrente em ambas as obras, como já salientamos. Seu sentido não está posto apenas como um espaço geográfico, ele é a própria essência do ser. Assim é o que diz o narrador do romance *Madona dos Páramos*, “o sertão é tudo, principalmente no coração da gente” (DICKE, 2008, p. 2014). Do mesmo modo, encontramos a explicação que Riobaldo dá para o seu sertão: “o senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal...” (ROSA, 2001, p. 35). Dessa explicação, podemos compreender que no romance de Dicke, o sertão está mais latente na conduta de vida de suas personagens, ou seja, ele, em muitos momentos, se confunde diretamente com o modo como é percebida a vida pelos homens na narrativa. Já no romance de Rosa, o posicionamento de Riobaldo com o sertão está mais para um enfrentamento brutal, em que, *manda quem é mais forte*, num confronto em que é preciso medir força para vencer; por isso precisa ser astucioso.

Com esta definição que Riobaldo dá ao seu sertão, entraremos para uma segunda etapa da análise, que é como se dá a configuração das personagens nas narrativas. Desde já, um dos adjetivos que podemos dar ao protagonista Riobaldo é a *astúcia*. Esta qualidade é usada, tanto na forma de narrar os fatos ao seu interlocutor/leitor, quanto nos modos de encarar as decisões difíceis enquanto jagunço. Já no romance de Ricardo Dicke, temos a personagem cabo José Gomes, que carrega certas semelhanças com o herói de *Grande sertão: veredas*. Esta personagem era um homem da lei que, ao enfrentar uma traição conjugal, sofre uma grande reviravolta na vida e cai na situação de fugitivo, em que se junta aos demais companheiros na fuga da cadeia pública de Cuiabá. No bando de foragidos, ele era considerado um líder do grupo por ter certa astúcia para enfrentar os mandos e desmandos do sertão. Desde o início de sua trajetória dentro da trama, encontramos-lo usando esta astúcia em seu favor, quando é confrontado com a maldição de nhá Tabita. Desse modo, para não entrar no sertão debaixo de maldição, o protagonista resolve pagar para a velha abençoá-lo, assim, “ele se ia com praga e bênção de nhá Tabita” (DICKE, 2008, p. 16).

A preocupação que tomava conta da mente de José Gomes ao adentrar sertão afora, com essa antítese de bênção x maldição, é algo que

vai tomando proporções maiores dentro da narrativa, pois aquilo era tudo o que ele não gostaria de ouvir, porém a velha não disse nada além do que realmente iria acontecer com ele durante a travessia. “Você há de penar no mundo que nem cachorro de índio, escute o que eu te falo” (Ibidem, p. 14). Tais palavras ficariam guardadas para sempre na mente do protagonista, mesmo, após ter pagado para a velha abençoá-lo. Uma situação desse tipo é o que atormenta Riobaldo, até mesmo na hora de organizar os fatos para contar para o seu compadre Quelemém. Trata-se de um pacto feito com o Demo, que ao longo da narrativa fica velado tanto para o leitor quanto para o narrador Riobaldo. É uma dúvida cruel que atormenta o protagonista de *Grande sertão: veredas*, sem saber ao certo se vendeu ou não a sua alma para o diabo. A verdade sobre os acontecimentos é algo que fica velado ao longo da narrativa, tanto para um, quanto para o outro.

Com Riobaldo temos caracterizada uma grande preocupação com as forças místicas que o envolvia no espaço sertanejo. A dúvida da existência ou não de Deus ou do Diabo era algo que até em sua velhice, momento em que rememora os acontecimentos, o consumia, pois não tinha certeza do que realmente movia-o durante seus mandos e desmandos pelo sertão. Devido a sua fleuma em relação às decisões mais difíceis, o protagonista atribuía o mérito a si próprio, mesmo se achando um fraco diante de algumas situações. Assim, ficam explícitas que para ele, que as forças místicas não tinham grande interferência em sua vida, pois como dizia, no sertão *manda quem é mais forte*, e era assim que ele se considerava. Porém, a dúvida era algo que sempre o rodeava, velando a origem dessa força. Com isso, pode ser encontrado o vacilar do protagonista: “E, alma, o que é? Alma tem de ser coisa interna supremada, muito mais do de dentro, e é só, do que um se pensa: ah, alma absoluta! Decisão de vender alma é afoitez vadia, fantasiado de momento, não tem a obediência legal” (ROSA, 2001, p. 41). Mesmo que Riobaldo tente de toda maneira velar essa situação de ter vendido ou não a sua alma para o Demo existem pistas na narrativa que fazem o leitor acreditar que ele tenha tido a ajuda do *Tinhoso* em alguns momentos de sua vida.

Tal averiguação surge no momento em que ele se dispõe a atravessar, junto com seu bando, o Liso do Sussuarão, lugar em que seu primeiro chefe Medeiro Vaz tentou atravessar em outra época e foi sucumbido com grande parte de seu grupo. Essa travessia se mostrava tão imponente que o próprio Riobaldo chegou a declarar: “que o Liso do Sussuarão não concedia passagem a gente viva, era o *raso* pior havente, era um escampo dos infernos” (ibidem, p. 50, grifos do autor). O Liso do Sussuarão surge para

Riobaldo como uma esfinge que precisava ser decifrada, e nos parece que esta barreira tornou-se a grande ambição do protagonista. Para mostrar sua imponência, o vale precisava ser desbravado, mesmo sendo um lugar que não dava a menor condição para sobrevivência. “Água, não tem. Crer que quando a gente entesta com aquilo o mundo se acaba: carece de se dar volta, sempre” (idem, p.50). É no processo empreendido por Riobaldo para atravessar esse vale tenebroso, que nos parece que uma força sobrenatural apodera do herói dando condição para que ele desvendasse e atravessasse, junto com seu bando, o temível Sussuarão. Mediante o desafio que o herói precisava encarar, ele declara: “agora, o senhor saiba qual era esse o meu projeto: eu ia traspassar o Liso do Sussuarão!” (ibidem, p. 519). A forma entusiasmada com que o protagonista expõe para seu interlocutor essa grande façanha, demonstra que aquilo era algo que ia além da vingança que o bando queria contra os Hermógenes, pois a realização da travessia coroava o herói como um dos maiores jagunços daquele sertão.

Por outro lado, em *Madona dos Páramos* encontramos uma situação totalmente diferente do desejo empreendido por Riobaldo. Já não é mais uma busca por superação de determinado obstáculo, mas a busca de uma simbólica Figueira-Mãe, procura que não ofereceu respostas para suas buscas. O interessante, algo que diverge totalmente do *Grande sertão: veredas*, é o reconhecimento que os personagens tem quando estão perdidos; “parece mesmo que já cruzei por aqui outras vezes nesta mesma viagem” (DICKE, 2008, p.149). No entanto, mesmo reconhecendo o erro, eles não desistem de continuarem na busca.

A dicotomia que se estabelece entre as duas obras é que em uma há uma vontade, por parte do protagonista, de vencer seus próprios limites, ou seja, impor sua vontade sobre aquilo que teoricamente ele não conseguiria dominar; na outra, porém, não encontramos essa vontade de domínio sobre a natureza, isso porque, o que mais as personagens de Dicke desejavam era poder se libertar das amarras do seu próprio ser, ou seja, das dúvidas constantes que os atormentavam ao longo da travessia.

Em *Madona dos Páramos* há uma presença muito grande das forças sobrenaturais que vem sobrepor as personagens durante a travessia. A dúvida sobre a existência ou não de Deus ou do Diabo também é algo que martela na mente dos homens dessa narrativa, e vemos essa relação bem delimitada na vida de duas personagens, especialmente. Tem-se em Babalão Nazareno a representação do homem que tenta centrar sua vida nos planos de Deus, porém, temos a antítese dessa ideia no personagem Chico Inglaterra, que é um homem de vida pregressa, que não acreditava

em Deus e que tudo que acontece com as pessoas é fruto do que ela mesmo plantou. Se por um lado temos um ser que diz que tudo acontece pela permissão de um Deus, e que este Deus pode resolver tudo por ser Onisciente, Onipotente e Onipresente, ele é confrontado pelo seu companheiro, por desacreditar que este tal Deus, seja tudo isso. Isso porque, nunca fora ajudado por este Deus, mesmo padecendo diuturnamente com uma lepra que o consumia vivo. Assim, surgem as indagações: “Cristo! Estudar o quê sobre esse Cristo que não se importa nem de gente perseguida, nem de lepra, nem de barriga vazia, nem de nada... Só alma... Mas o que a alma tem de ver com isto, esta, a realidade dura?” (ibidem, p. 86). Essas são as forças opositoras que se formam no duelo entre as duas personagens do romance. Se em Rosa temos uma personagem que representa toda essa dualidade entre o bem e o mal, Deus e o Diabo, em Dicke temos essa representação sendo distribuída para outras personagens, essa dicotomia não fica monopolizada só na perspectiva de um. Este é mais um ponto que encontramos de divergência entre as duas obras. O paradoxo que se estabelece nas duas personagens de Ricardo Dicke, marca a mesma inquietação que rondava a vida de Riobaldo, porém elas se sentem desamparadas em meio ao sertão, coisa que não acontece com o protagonista do romance de Rosa. Pois percebemos que há uma força mística assessorando Riobaldo ao longo de sua travessia e batalhas que eram travadas dentro do sertão.

Um fato importante que acontece em ambas as obras, que podemos julgar como semelhantes, é a presença da mulher. Em *Grande sertão: veredas* é representada por Diadorim, o grande amor não realizado da vida de Riobaldo e, em *Madona dos Páramos* temos a Moça sem nome, a paixão não correspondida de todos os homens. A presença dessas mulheres é algo central em ambas as obras, pois é através delas que encontramos a maior força poética reveladora das narrativas. Em Diadorim centra-se a força opositora de um amor que não podia se realizar, devido às leis que regiam a vida dos jagunços. Assim, para Riobaldo era inconcebível gostar de uma pessoa que se portava como sendo do mesmo sexo. Jamais seria aceito no meio da jagunçagem uma relação homoafetiva, pois o que se esperava daqueles homens é que eles fossem viris e machos para enfrentar a vida dura de jagunço. No entanto, a ligação afetiva que existia entre Diadorim e Riobaldo ia além daquilo que o protagonista esperava. A presença desse ser era algo que não saía de sua mente. “O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer

aquilo?” (ROSA, 2001, p. 307). A preocupação de Riobaldo é eminente nessa relação, por isso o medo em expressar seu verdadeiro sentimento por Diadorim, entretanto o amor falava mais alto, e de vez enquanto era traído pelos seus pensamentos em relação ao seu amor, por isso, o medo de se expressar daquele modo. Por mais que tivesse a opressão das leis dos jagunços, era o seu instinto que sobressaía, assim ele concluía: “Tudo tem seus mistérios” (idem).

A relação misteriosa em que vivia os dois está mais para o plano do narrador do que para o leitor. Somente Riobaldo é que não percebia, por meio das pistas, que aquele ser não era o que ele achava que era. Ao longo da narrativa, o leitor encontra pistas que denunciam a verdadeira identidade de Diadorim, no entanto, para Riobaldo isso fica velado. Parece que o sentimento amoroso era tão grande que tapava a visão do protagonista de enxergar os detalhes que diferenciavam aquele ser dos demais. Algo latente fica no momento em que foram tomar banho num riacho, e Diadorim disse que tinha o costume de se banhar sozinho. “Só, por acostumaçãõ, ele tomava banho sozinho no escuro, me disse, no sinal da madrugada. Sempre eu sabia tal credence, como alguns procediam assim esquisito – os caborjudos, sujeitos de corpo-fechado” (ibidem, p. 161 – 162). Outro fato eminente é quando Diadorim, em um luta contra seus rivais, foi alvejada na perna e se ausentou do grupo por um tempo para se recuperar em outro lugar. Essas são pistas importantes que Riobaldo poderia pegar para descobrir toda verdade, porém, por conta do próprio ser do sertanejo; recatado, simples e supersticioso, preferia julgar os fatos de forma simplória, ainda querendo dar uma de entendido quando declara que sabia da *credence dos sujeitos de corpo fechado*. A luta que se trava pela repulsa desse amor é algo que leva o protagonista a sofrer as maiores consequências de sua vida que, no momento em que narra sua história, quando tenta ofuscar isso de sua mente.

O senhor veja: eu, de Diadorim, hoje em dia, eu queria recordar muito mais coisas, que valessem, do esquisito e do trivial; mas não posso. Coisas que se deitaram, esqueci fora do rendimento. O que renovar e ter eu não consigo, modo nenhum. Acho que é porque ele estava sempre tão perto demais de mim, e eu gostava de mais dele (ibidem, p. 194).

Situação similar encontramos no segundo romance em análise, quando aparece no cenário da história do grupo a Moça sem nome. Para contextualizar esse episódio, vale ressaltar como isso aconteceu. Como já

foi mencionado em um momento anterior, o romance *Madona dos Páramos* narra a história de um grupo que sai da cadeia pública de Cuiabá e traça o sertão mato-grossense como destino a ser seguido. Durante essa viagem/fuga, o grupo sai pelas fazendas matando e saqueando tudo que encontravam pela frente, até que em um determinado dia se encontram perto de uma fazenda por nome Boa Vista, terra de um famoso barão, que morava junto com sua família naquele lugar. O grupo, ao descobrir que naquela fazenda poderia haver muitas riquezas resolve ir lá durante a noite atacar e roubar o que pudessem, para continuar em sua viagem. Chegando lá encontraram o barão, a filha, o genro e os empregados e, assim que invadiram o estabelecimento, colocaram fogo nas casas, mataram o velho e o genro e fugiram levando a Moça como uma prenda daquele lugar. A partir de então, a Moça começa a assumir uma posição de destaque dentro da obra, e isto fica latente até no próprio nome título do romance: *Madona dos Páramos*, ou seja, a deusa dos destinos daqueles homens.

Assumindo essa posição de deusa dos destinos, a Moça sem nome começa inquietar os homens, desde o fato de ela não dizer seu nome. Essa é uma arma que ela usa em seu favor para manipular os demais, assumindo assim, uma posição de superioridade. Dicke, ao introduzir esse ser inomeável, mina as forças daqueles homens que se mostravam prepotentes e superiores e dá àquela frágil mulher o comando dos desejos de todos eles. A falta de nome é uma opção que a Moça tem como uma forma de se vingar das atrocidades sofridas pela sua família. Assim ela se expressa:

Pois não saberão nunca, saberão o nome de todos, menos o meu, agora que se terminaram todos os meus e ninguém mais tenho, eles ficarão para sempre sem saber como me chamo, até a hora de sua morte se lembrarão de mim e não saberão meu nome, morrerão de sede, cada qual no seu maior deserto, sem saber jamais, sem ter esse conhecimento, a essência do homem é dar nome às coisas e transformá-la de inomeadas em nomeadas, de coisas ignoradas em coisas conhecidas, de desconhecido em coisas (DICKE, 2008, p. 138).

Essa inquietação será algo que os homens narrativos levarão para o resto de suas vidas. O domínio que o homem tem sobre as coisas, quando nomeadas, é tirada de vez de seu controle, ou seja, o homem perdeu sua *essência* e o seu monopólio de ser o maioral de toda criação. Essa ideia de que o homem é o dominador sobre toda criação vem desde o jardim do Éden, quando Deus dá ao homem o poder de nomear e ter o domínio desde as aves do céu, os peixes das águas e tudo que se movia sobre a face

da terra, porém com a Moça não tem como esse poder ser exercido. O problema com o nome é algo enfrentado, também, por Riobaldo, pois num primeiro momento Diadorim se apresentava ao protagonista como Reinaldo, no entanto, ele não conseguiu guardar esse segredo por muito tempo, e logo quando teve uma oportunidade, declarou: “Escuta: eu não me chamo *Reinaldo*, de verdade. Este é nome apelativo, inventado por necessidade minha, carece de você não me perguntar por quê” (ROSA, 2001, p. 171). Mesmo Diadorim revelando seu “verdadeiro” nome, algo ainda fica velado assim como na Moça sem nome, ele não revela o por quê havia escolhido aquele nome apelativo. A ambiguidade e o paradoxo são o jogo que fazem parte da criação literária, tanto de Rosa, quanto de Dicke. O jogo pode ser encontrado em um ser que não se deixa ser nomeada e em outro que revela algo, mas encobre outro que, concomitantemente, seria o máximo de uma revelação de quem realmente ele era.

É nesse paradoxo entre velar e desvelar que as duas personagens ganham grande importância dentro das narrativas. A persistência que a Moça sem nome tem em manter seu silêncio durante toda travessia, é uma postura que a faz inverter os papéis. Se por um lado ela era considerada cativa daqueles homens, a partir do momento em que escolhe permanecer em silêncio, a situação começa a mudar. Quem era cativo tornava-se dominadora de seus algozes. Nessa perspectiva, Machado descreve:

É como sentimos o poder esvaindo das mãos daquela que não é mais líder nem de si mesmo, assim como no romance *Madona dos páramos*, Urutu não é o chefe dos doze homens rumo à Figueira-Mãe que todos pressentem, mas ninguém alcança. A personagem Moça sem nome é a prisioneira de todos, porém é sua persistência em manter o silêncio que a faz dona dos destinos de todos eles, o que subverte a ideia de quem comanda e quem é comandado. Mais uma vez nos deparamos com a premissa da dissolução do que seja centro, o intercambiar da ética no campo da estética literária (MACHADO, 2014, p.182).

Uma ideia semelhante encontramos na personagem Diadorim, visto que ela pode ser considerado, dentro do romance, como uma personagem que tem um personalidade mais centrado naquilo que o bando de jagunços almejava. Mesmo sendo mandada por Riobaldo, ela nunca perdeu de vista a vingança que buscava pela morte de seu pai Joca Ramiro. O que o leitor encontra nessas mulheres é uma força de representação que está para além de suas aparências físicas, é um força que emana da

“fragilidade”, porém, decisiva para a vida de seus companheiros, seja pelo lado positivo ou negativo.

Diadorim segue até o final com um único objetivo, que era a vingança pela morte de seu grandioso pai. Mesmo sabendo das consequências de levar essa ideia adiante, ela, em momento algum, titubeou em seu propósito. É na força dessa vingança que a personagem revela quem realmente ela era, e se mostra como o grande herói do romance de Rosa.

Com a Moça sem nome encontramos a mesma centralidade de ideia em levar a cabo a sua vingança, por meio do silêncio, mesmo sabendo que não traria de volta a vida de seu pai e de seu esposo. É através dessas duas personagens emblemáticas que o leitor encontra a maior força de um verdadeiro sentimento, que mesmo reconhecendo a perda, se lançam numa luta entregando a própria vida como uma forma de remissão por aqueles que não podem mais estar no meio deles. Isso é o que acontece com Diadorim no confronto final com o Hermógenes, momento de maior tensão do romance. Esse enfrentamento coroa a vitória de Diadorim, porém ela não ficou com vida para comemorar o grande êxito alcançado. Dessa luta, a imagem que fica para o leitor é o que se configura na repetição do período *O diabo na rua, no meio do redemoinho*, imagem nítida do embate entre Diadorim e o Hermógenes, em que os dois foram sucumbidos pela morte.

Desse embate, seguido de morte, o que fica para o protagonista – Riobaldo, de *Grande sertão: veredas* é o sentimento de culpa por ter fugido do enfrentamento com seu rival, e a perda irreversível de seu grande amor que, a partir de então, descobrira que tudo aquilo que ele nutriu em sua vida, na companhia de Diadorim era algo legítimo, porém não consumado devido aos entraves que havia entre eles. A imagem que ficou na mente de Riobaldo foi: “Que o corpo de Diadorim era uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dôr não pode mais que a surpresa” (ROSA, 2001, p. 615). Da mesma forma, a imagem que ficou na mente do protagonista de Rosa, está na inquietação dos personagens de Dicke, quando se dão conta de que a Moça sem nome já não estava no meio deles. O que ficou na mente dos dez personagens foi: “Era a Moça, a Madona dos Páramos, banhando-se nas praias da memória dos homens” (DICKE, 2008, p. 437).

Assim, acontece o fechamento do enredo dos dois romances, deixando no leitor a sensação de um final trágico em *Grande sertão: veredas* e, ainda, um perambular das personagens perdidos do romance *Madona dos Páramos*. No entanto, houve um sentimento de dever cumprido nas duas personagens mulheres das obras analisadas, no cumprimento do

dever pela busca da vingança empreendida por Diadorim e a Moça sem nome.

Portanto, o que se buscou ao longo deste estudo foi mostrar como as duas obras dialogam, ao tocarem em temáticas que estão diretamente ligadas ao homem no aprendizado da vida e, conseqüentemente, como se relacionam com aquilo que está à sua volta. O sertão e o homem assumem funções importantes e, por isso, pode-se dizer que tanto Guimarães Rosa quanto Ricardo Guilherme Dicke buscam expressar essas funções, por meio de suas criações literárias, pois elas representam marcos importantes na busca dos sentidos adquiridos pelo romance, ao longo da história literária.

### Referências

BOSI, Alfredo. **A história concisa da literatura brasileira**. 3ª ed. 17ª tiragem. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e subdesenvolvimento**. In. Educação pela noite. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2ª ed. VI volumes. Rio de Janeiro: Editorial Sul América, 1968.

COUTINHO, Eduardo F. **Grande sertão: veredas**. Travessias. São Paulo: É Realizações, 2013.

DICKE, Ricardo Guilherme. **Madona dos Páramos**. Cuiabá, MT: Carlini e Caniato, Cathedral Publicações, 2008.

MACHADO, Madalena. **A literatura de Ricardo Dicke, intervenções críticas**. São Paulo: Arte e Ciência, 2014.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.